

I Grupo Escolar em Santo André: trabalhos e folguedos enquanto a cidade cresce

Maria Helena Bittencourt Granjo

Centro Universitário Fundação Santo André

O trabalho que desenvolvemos, faz parte de um interesse mais amplo de pesquisa que nos leva a focar a escola em suas relações com a comunidade, no bojo do processo de urbanização que caracterizou o Estado de S. Paulo na última década do séc. XIX e primeira metade do séc. XX. Desejamos saber como as práticas daqueles grupos humanos vindos de outras paragens e diferentes culturas, interagiram com a população local tanto na construção da cidade como da escola. Tal interesse de investigação une pesquisadores da Universidade de Sorocaba, do Centro Universitário Fundação Santo André, bem como alunos dos Programas de Pós-Graduação da PUC de São Paulo.

Apresento, neste momento, o resultado parcial da pesquisa que me tem ocupado e na qual tenho contado com a colaboração de professores e alunos da Fundação Santo André. O trabalho tem como fonte principal um conjunto de quinze entrevistas com antigos alunos, professores ou funcionários do I Grupo escolar de Santo André. Os depoimentos foram colhidos por pesquisadores do Museu em Santo André, em 1990, durante uma exposição de fotografias em que foram exibidas imagens da cidade e da escola. (I Exposição- *Memória do I Grupo: o capuz transparente da memória*) Esse ano marca, igualmente, a instalação do museu no prédio do I Grupo, transferido para outro local. Pessoas ligadas à história da escola que responderam ao convite da equipe organizadora do evento, foram acompanhadas por um pesquisador que durante a visita colheu seus depoimentos. Os relatos referem-se ao período compreendido entre as décadas de 1910 a 1960. Aos entrevistados não se impôs um questionário padronizado, foram convidados a falar das lembranças evocadas pelas imagens expostas e interrogados pelos pesquisadores durante uma conversa informal.

As entrevistas, inicialmente gravadas e posteriormente transcritas, referem-se às décadas já mencionadas, distribuindo-se da seguinte forma: 4 delas foram dadas por pessoas que estudaram ou trabalharam no I Grupo nas décadas de 10 e 20, 6 correspondem à década de 30 e 40, 5 às décadas de 50 e 60. A organização por ordem cronológica fez-se necessária para tornar possível o acompanhamento das transformações na cidade e na escola.

Tenho clareza da complexidade do trabalho com fontes orais e com a memória, sempre uma releitura do passado, não há porém espaço para que tais questões sejam aprofundadas no momento, uma vez que a opção foi a de apresentar o material pesquisado, ainda que numa pequena parte. Permito-me apenas lembrar, com Le Goff, que todo o documento é uma montagem que cabe ao historiador interpretar e à qual deve dar sentido. (Le Goff, 1994, p. 547). Peço, igualmente, auxílio a Certeau para explicar que da cidade não me interessa apenas a organização racional em espaço

próprio, mas em toda a riqueza do viver das populações urbanas que se utilizam dos espaços e dos tempos de forma não previstas pelos projetos urbanísticos. (Certeau, 1994, vol. I, pp. 173,174)

No primeiro grupo de entrevistas, temos o depoimento de uma ex-aluna, dois ex-alunos e um funcionário, que foi porteiro do I Grupo, era nascido na região, aparentado dos antigos coronéis e que exerceu várias funções na cidade. A ex-aluna era italiana, chegou ao Brasil criança, em 1913, perdeu o pai dois anos depois e desde cedo cuidou dos irmãos para que a mãe pudesse trabalhar. Os ex-alunos eram nascidos no Brasil, filhos de italianos, um deles natural de Santo André, o outro chegou à cidade com 11 anos, quando matriculou-se no I Grupo.

O segundo grupo de entrevistados, que é o mais numeroso, compõe-se de duas ex-professoras e quatro ex-alunos. As duas professoras vieram de fora e radicaram-se em Santo André. Uma delas formou-se em Santos, cidade praiana naquela época considerada a mais importante do estado e, a segunda, formou-se em Piracicaba, no interior do estado. Dos alunos, dois nasceram na região e dois vieram para a cidade ainda pequenos. Um desses últimos, foi concebido na Hungria e nasceu no Brasil.

O terceiro lote é composto por quatro entrevistas: de uma ex-diretora, um ex-diretor, uma ex-professora e uma ex-aluna. Os diretores e a professora vieram de fora, chegaram a Santo André para trabalhar, a servente e a aluna nasceram Santo André.

Estes documentos permitem recuperar fragmentos de uma história local, história do subúrbio, invertendo o sentido habitual da narrativa que consiste em contar a história do centro para o subúrbio. Sobretudo em São Paulo, onde a indústria foi implantada pela mistura de formas arcaicas de vida com a realidade da fábrica, projetar o olhar, do subúrbio para o centro, pode tornar-se um movimento bastante fecundo (Martins, 1992).

Santo André surgiu da ferrovia, uma estação ferroviária deu origem à cidade. Sua criação esteve ligada ao avanço científico e tecnológico que marcou a Europa do século XIX e impactou fortemente os países da América. A cidade originou-se em uma pequena freguesia existente no lugar onde a São Paulo Railway instalou uma das estações da estrada de ferro que, inaugurada em 1867, ligava as cidades de São Paulo e Santos. O progresso resultante da facilidade de comunicação fez com que o governo ali criasse a primeira escola em 1875, quando a região já contava com 2.000 habitantes. De acordo com Gaiarsa (1991), foi a Fábrica Ipiranguinha a primeira a criar uma escola no ABC, com a finalidade de ensinar os filhos de seus operários.

A Lei estadual 1222-A, de dezembro de 1910, criou o distrito de Santo André, que entre 1911 e 1936 fez parte do município de São Bernardo. O Decreto estadual número 9775 de 30 de novembro de 1938 mudou o nome do município para Santo André e deu a ele a configuração territorial que conservou de 1939 a 1943.

Até a primeira metade do século XX, chegaram a Santo André imigrantes vindos de outras partes do mundo, portugueses, espanhóis, alemães, austríacos, iugoslavos, romenos, lituanos, sírios, libaneses, e japoneses. Os portugueses, em sua maior parte, trabalharam na ferrovia e se tornaram chacareiros, os japoneses dedicaram-se à agricultura. (Santo André, Cidade e Imagens, pp. 26 e 46). O maior contingente de imigrantes vindos para a região tinha origem italiana e em Santo André dedicou-se sobretudo à atividades urbanas, oleiros, sapateiros, comerciantes, proprietários de pequenas manufaturas e operários. Plantada nas margens do Tamanduatei, não faltaram a Santo André os elementos que segundo Munford caracterizam os aglomerados urbanos a partir do século XIX, a fábrica, o rio e o cortiço (Munford, 1988, p. 496).

Desde o fim do século XIX, o município ofereceu incentivos à fixação de indústrias, fato decisivo para o desenvolvimento da região. No início foram mais importantes as indústrias têxteis, a Silva e Seabra, conhecida como Ypiranguinha (1895), a Streiff (1899), a Kowarik de casemiras (1901), A Tecelagem Santo André (1907), a Bela Vista em 1909, a São Bernado em 1912. Outras fábricas aos poucos foram surgindo e o Sr. Lancieri faz questão de frisar que algumas delas foram criadas por antigos operários. *“Os irmãos Tognato que trabalham nessa fábrica (Baleia), aos poucos foram se desligando e montando em casa mesmo um tear, depois mais um tear, assim eles começaram com uma pequena fábrica de tecidos, que foi crescendo, chegou a ser uma fábrica a do Tognato. O povo aqui vivia do trabalho de fábrica, o meio de via era o trabalho nos teares, mesmo.”*

Aqueles que conseguiram prosperar, os que chegavam à região munidos de um diploma ou de pequeno capital para abrir um negócio, iniciaram a composição de uma camada média local que não poupou esforços para distinguir-se do operariado, cada vez mais numeroso.

A construção do primeiro grupo escolar de Santo André iniciou-se em 1912 e terminou em 1914, quando houve a inauguração. Foi produto da reunião de 9 escolas isoladas que funcionavam na rua Senador Flaquer. Como se tratava na época do Município de São Bernardo, que incluía Santo André, a escola recebeu o nome de GRUPO ESCOLAR DE SÃO BERNARDO, que conservou até 1938, quando passou a chamar-se I GRUPO ESCOLAR PROFESSOR JOSÉ AZEVEDO ANTUNES. A construção foi edificada em terreno doado pelo casal Secundino Rodrigues e Clara Thon Flaquer. Todas as suas salas dão para um espaço comum que forma agradável pátio interno. A escola funcionava pela manhã e tarde, contou inicialmente com 9 classes e teve como primeiro diretor o professor José Augusto Leite Franco. Durante as duas primeiras décadas de sua existência foi praticamente a única escola da cidade e recebeu alunos de todas as camadas sociais.

Segundo Honório de Lima, que foi porteiro do I Grupo Escolar a partir de 1920, os professores vinham de trem de São Paulo e da estação ferroviária até à escola eram trazidos por um

carro puxado por dois cavalos. Dois carros esperavam os professores. De vez em quando, um deles atolava na Senador Flaquer.

O Sr. Antonio Lancieri, nascido em 1911, em Santo André, lembra que por volta de 1917 ou 1918, tornou-se aluno do Grupo Escolar. Reviveu com detalhes esse tempo de trabalhos, castigos e brincadeiras. *“As carteiras eram duplas, dois alunos em cada carteira, o banco tinha dobradiça prá levantar e para baixar. Não havia caneta Bic, o negócio era lápis e pena. Tinha no centro da carteira um tinteiro de latão com tampinha e a servente vinha periodicamente por tinta. Prá limpar a tinta, existia um instrumento feito em casa, de pano, que se chamava limpa-pena. Eram fatias de flanela de um tamanho, de outro tamanho, menor, menor, menor. Os alunos malandros como nós, pegávamos umas penas já fora de uso, quebrávamos aquela parte lá da frente, então ficava uma haste, partíamos no meio, pegávamos um papel e fazíamos, assim, ficava preso no teto. Quando o professor vinha, queria saber quem é que pôs aquilo lá. Essas passagens são engraçadas”*

Os tinteiros, as penas e a dificuldade da utilização desse material são freqüentes nos depoimentos. Se algumas vezes aparecem ligados às brincadeiras, na maior parte dos casos, surgem como objeto de preocupação, medo de castigos e de possíveis reprovações. Pelos depoimentos dos ex-alunos, seu manejo eficiente era o centro do trabalho escolar.

Segundo o mesmo depoente não havia a exigência de uniforme e os alunos freqüentavam a escola descalços. *“Andava-se descalço, grande parte dos meninos descalços, eu me lembro de andar descalço em dia de chuva, na enxurrada a gente ia chutando a água”*.

Santo André mergulhava em agitação incontida na época de eleições, feitas a-bico-de-pena. Os votos eram contados durante a noite e completados no que fosse necessário. Poucas pessoas e jornais protestavam. *“Santo André dos Franco, dos Flaquer, dos Oliveira Lima, varões de respeito, políticos aguerridos, tentando tudo para se manterem no alto, e lá chegando passavam a governar com honestidade, com relação aos dinheiros públicos. Desistiam sempre de seus subsídios a bem da comunidade. Mas que não se mexessem com as nomeações: juizes, delegados de polícia, professores primários, enfim, antes de ser feita qualquer nomeação, quer municipal, estadual ou federal para ocupar cargo na Cidade, deveria ter a aprovação do chefão cá da terra.”* (Dr. Mayera Jr, 1964)

Os coronéis, chefes políticos e donos das terras da cidade e das vizinhanças, formavam a elite local, ligada aos demais grupos por laços de poder que incluíam parentesco, compadrio, esperança de emprego e outra tantas aspirações. De acordo com Martins, essa elite estabeleceu laços com o que de mais conservador havia no intelectualidade paulistana (Martins, 1992, p.16).

Ainda que os anos trinta promettessem um surto de desenvolvimento à cidade, o depoimento do Sr. Joaquim Diniz Pereira, cuja família fixou-se na região em 1933, vinda de Queluz, revela

“uma cidade pequena, sem calçamento. Santo André chegava até a R. Arthur de Queiroz, o resto era tudo mato, no caminho que vai para Mauá havia plantação de pera da família Thon. (...) Na região da Av. Pedro II e cercanias não tinha nada. (...) Naquele tempo qualquer lugar de Santo André tinha um lugar prá se brincar, tinha uma turma que chamava de pelada. Aí perto do grupo mesmo, na quadra de cá, existiam umas cinco ou seis casas e um campo imenso.”

Pelos trabalhadores mais antigos na região os anos 30 são lembrados como época de crise, em que as crianças eram forçadas à trabalhar desde muito cedo. O Sr. Paschoalino Assumpção, que nasceu em Paranaapiacaba e passou toda sua infância em Santo André, recorda-se que além de estudar no I Grupo Escolar, começou a trabalhar ainda criança. Empregou-se, inicialmente, no jornal *A Folha do Povo*. Ficou desempregado em 1930 quando o jornal foi empastelado. *“Em seguida vou para a Pirelli, na Vila Alzira, onde hoje é a Cooperativa da Volksvagem, trabalhei um ano como operário. Eu, com 13 anos de idade, trabalhava das 7 horas da noite até as seis horas da manhã do dia seguinte. Coisas da vida, não é?”*

Um ex-aluno do I Grupo recorda-se dos acontecimentos do início dos anos 30 e de forma muito pessoal descreve o impacto de novas forças políticas na região. *“Com Getúlio Vargas, teve uma revolução, 1932, eu era menino, me lembro que meu pai escondia meu irmão. Escondiam ele em casa, não deixavam ele sair, porque diziam que os soldados andavam pelas ruas pegando tudo quanto era moço, levavam qualquer um, húngaro, italiano, o que achavam. (...) Eu não sei quem ganhou, sei que São Paulo guerreou contra não sei quem, mas não sei quem ganhou... Apareceu um negócio de fascismo, camisas verdes. Alugaram uma tremenda casa ai no Largo da Estátua, a gente ia lá no Domingo, tinha comida, tinha bebida, mas tinha de falar Anauê quando chegava, e Anauê quando ia embora. Eu não entendia porque era aquilo, eles te davam uma farda verde, você tinha que vestir uma farda totalmente verde. Ah! Eu ganhei uma farda, achei aquilo gostoso para jogar bola, não precisava sujar minha roupa branquinha. Um dia meu pai viu meu irmão com aquela roupa e falou:- **O que é isso aí? Onde vocês arrumaram isso? Oh, a devolvam essa porcaria para eles e não vão mais lá; heim? Porque isso daí é fascista, é contra o governo.**”*

Na década de 30 a expansão da cidade foi facilitada pela iniciativa dos grandes proprietários em lotear suas propriedades e possibilitar a aquisição dos lotes. Nos jornais da época eram publicadas propagandas dos lotes, dirigidas explicitamente a “operários diligentes, honestos e com visão de futuro.” Esse fato originou na camada média local preconceito em relação aos bairros. Quem morasse “do outro lado da linha” do trem, era considerado socialmente inferior.

A forma pela qual se constituíram os bairros operários na região do AB marca, como frisa Martins, a distinção entre subúrbio e periferia. *“No subúrbio, mesmo na fase já alcançada pela industrialização e pelos loteamentos de terreno para moradias operárias, os lotes eram grandes, as casas tinham espaço para o grande quintal, um remanescente do rural que permanecia no urbano:*

fruteiras, hortas, galinheiros, fornos de pão e broa, jardins, muitas flores e um suave perfume suburbano. A periferia já é produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, calçadas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos todo o espaço disponível para a construção, falta de plantas, muita sujeira e fedor.” (Martins, 2001, p.10).

Em 1932, o Sr. Miguel Benck começou seus estudos no Primeiro Grupo Escolar de Santo André. *“Naquele tempo prá tirar oitenta, uma média de oitenta, hoje não sei que letra é, prá passar do primeiro para o segundo com oitenta, precisava ser bom. Olhavam tudo, a roupinha, o comportamento, e prá gente escrever à tinta era meio ruim, sabe por que? Porque eles botavam tinta ali na caneca, a carteira era de dois meninos e no meio tinha um tinteiro, mas aquilo ficava muito cheio, vira e mexe a gente balançava e derramava, sujava o caderno, ai, era zero naquele dia.”*

Nos anos 30, constantemente lembrados como época de crise, já se exigia algum tipo de uniforme para os alunos do I Grupo. *“Naquele tempo não se tinha dinheiro para a roupa, a minha mãe comprava saco de farinha Lili, era um morín, um tecido fabuloso. Então ela lavava bem, tirava aquela tinta, tudo na base do sol e molhar, não era com cândida como hoje. Ela fazia o paletozinho, a camisa e a calcinha certa prá mim, prá vir à escola. Com o emblema bordado, I Grupo Escolar de Santo André, a minha roupinha era branquinha, eu vinha sempre branquinho”*

Esse aluno que se dizia disciplinado e esforçado, lembra-se da escola, entre outras coisas, como o lugar do castigo e do medo. *“Do professor que a gente tinha, muito era o medo, mas medo, pavor, todo mundo tinha do diretor, do Cassiano Faria. Ele não conversava, ele só castigava, ou então expulsava, porque existia a história da expulsão. Expulsavam; castigavam, castigavam, castigavam e expulsavam.”*

O esforço exigido na escola tornava mais valiosa a vitória, no final do curso. *“Meu boletim do Quarto Ano, que maravilha, este é o documento mais gostoso que eu tenho. Eu fui diplomado com 75 ou 80, uma nota fabulosa, porque não davam nota boa, os professores eram miseráveis com a nota, tinha que estar limpinho.”*

O Sr. Nelson Pagge, que também estudou no I Grupo Escolar por volta de 1936, em suas declarações confirma muito do que foi relatado nos demais depoimentos. Foi uma criança-trabalhadora. Iniciou engraxando sapatos, depois empregou-se com o leiteiro. Estudava pela manhã e depois do almoço “pastava as vacas” perto de sua casa. Mais tarde, trabalhou com um japonês, “carpia capim” depois do almoço. A vida, segundo ele era difícil, só calçou o primeiro sapato com 12 ou 13 anos. Antes andava descalço a maior parte do tempo, ou de tênis. Já não era possível ir descalço à escola. *“Eu não gostava de usar sapato, mas para entrar na escola ou no cinema,*

precisava vir bem limpo e calçado. O que eu fazia, saía de casa descalço, com o sapato embrulhado, tinha um tanque no jardim onde lavava os pés e punha o sapato.”

Nos depoimentos em que antigos alunos do I Grupo Escolar fazem referências a castigos físicos é constante a aprovação dessa técnica e do professor que a utilizava. Há um não disfarçado orgulho de haver passado por momentos difíceis e de ter sido submetido a uma escola vista como de extremo rigor. Geralmente acompanham suas recordações com comentários desfavoráveis à escola e à educação contemporâneas.

A respeito das possibilidades de divertimento em Santo André, o Sr. Miguel Benck nos esclarece. Além do futebol, lazer nunca esquecido, o Club Primeiro de Maio tinha um Jazz Band, um banjo, um violino, um acordeão, um zabumba e uma clarinete. Para dançar havia o Club Corinthians. Além disso, *“na Perimetral tinha um cinema, chamava Cine República, depois passou para Cine Santo André e havia também o Carlos Gomes, esse era o divertimento do povo. O Carlos Gomes era um Cine Teatro, era lindo. Como deixaram desmanchar aquele cinema? Ele tinha frisas em volta, feitas com madeira saliente, como um teatro, a gente subia, era assim com mesinhas. Ah! Que maravilha, eu gostava de olhar aquilo. Santo André não tem história porque deixaram desmanchar. Vinham grandes companhias teatrais, vinha Vicente Celestino! Eu comecei a varrer o Carlos Gomes. Então no Domingo eu ia à missa logo as 7 horas. Não falava para ninguém que eu ia varrer, porque eu tinha vergonha de varrer o cinema.(...) Quando eu parei de varrer o cinema acabou minha alegria, eu tinha 16 anos. (...) Para dançar, eu pegava meu sapatinho, pendurava aqui nas costas prá não estragar, e vinha a pé, lá do Parque das Nações até aqui. Quando chovia, chegava aqui com os pés cheios de barro, precisava achar uma aguinha, calçar o sapato e ir pro baile. No carnaval não havia escolas de samba, havia blocos, uns cinco ou seis blocos”*.

Èlida Camarosano que chegou à cidade em 1951 para lecionar, assim se refere ao lugar: *“Santo André era conhecida como cidade do terror, era faroeste (...) era conhecida como cidade faroeste (...) Tinha muita indústria e os trabalhadores viviam em greve, viviam fazendo arruaças, todo mundo tinha medo, quando eu vinha prá cá me falavam :- Você não tem medo de ir prá Santo André? Santo André é a cidade do Terror, das greves.”*

Se durante os anos 50, Santo André era tida pelos habitantes de São Paulo com cidade violenta, a maioria dos entrevistados a pinta como lugar pacato, onde as festas de rua reuniam as famílias e todo o mundo se conhecia. *“Pelo menos o pessoal do centro.”*

Quanto ao anos 60, Fani Koiffman relata: *“Pegamos uma vida cultural boa, concertos, orquestras, havia uma orquestra de Santo André. A biblioteca funcionava bem, na época D. Nair Lacerda organizava palestras. Os órgãos públicos ofereciam recitais, orquestras, até o golpe de 64, não, acho que até mais para frente, em 68, Santo André tinha uma vida cultural boa. Depois parou. A cidade cresceu em termos materiais, mas, em termos culturais, perdeu bastante.”*

As grandes mudanças que, especialmente nos anos 60, sacudiram o ABC e que transformaram muitos dos espaços do subúrbio em periferia, não podem ser percebidas nos relatos, estão presentes, porém, as saudades da Santo André de outrora e as dúvidas quanto à qualidade das mudanças. Cada entrevistado manifesta, a seu modo, a nostalgia da própria infância e mocidade, “do seu tempo.”

Trabalhos Citados

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: I. artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994

GAIARSA, Otaviano A. *Santo André: Ontem, Hoje, Amanhã*. Santo André, Prefeitura Municipal de Santo André, 1991

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas, Unicamp, 1994, 3^a ed.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. São Paulo, HUCITEC, São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

_____. Depoimento. *Revista de Estudos Regionais e Urbanos*, São Paulo, 42: 75-84, 2001.

DR. MAYEIRA JR. Curiosidades e Lembranças. in *News Seller*, Santo André, 8/4/64.

MUNDORF, Lewis. *A Cidade na História*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. *Santo André: Cidade e Imagens*, 1991